

Rafael Eugenio HOYOS-ANDRADE*

SILVA, C. — *Gramática transformacional: uma visão global*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978. 287p.

Constitui esta obra uma valiosíssima contribuição aos estudos lingüísticos no nosso país. Trata-se, com efeito, de um balanço crítico dos aspectos negativos e positivos da teoria transformacional. Este balanço era uma necessidade urgente no nosso meio universitário.

É de todos conhecida a falta de crítica com que se encarou e, desafortunadamente, se continua encarando a “invasão” gerativista não só no Brasil mas em muitos lugares do mundo. Professores e alunos, por igual, aceitaram e aceitam, muitas vezes sem discussão, quanto traz o selo da pretensa revolução chomskyana. Ao mesmo tempo, afirma-se categoricamente que tal ou qual escola “já era”, sem se preocupar com verificar a “Causa mortis” e com emitir o devido comprovante da defunção. No meio a esse entreguismo e conformismo, inaceitáveis para um espírito crítico, não se encontrava, porém, um só livro nacional que fizesse justiça e tivesse a coragem de dizer objetivamente o que precisava, com urgência, ser dito, a saber, que:

“as constantes e drásticas revisões do modelo transformacional parecem indicar que ainda não foi possível estabelecer princípios capazes de assegurar à teoria um mínimo de estabilidade e certeza”. (p. 272)

Afirmações como esta são tanto mais aproveitáveis quanto ditas com menor ênfase. O Professor Carly Silva consegue, com um tom que nada tem de polêmico, aquilo que um autor mais contestador, porém menos eficiente, nunca conseguiria de seus leitores: uma atitude de cautela muito objetiva perante o chamado modelo transformacional. Ao longo do livro todo há uma advertência “subjacente”, mas muito clara: “quem quiser entender que entenda”. É só ficar com os olhos e a inteligência abertos para concluir, por exemplo, da citação que acabamos de reproduzir, que uma teoria que não oferece nem “um mínimo de estabilidade e certeza” não merece nem um mínimo de credibilidade.

Desse modo, sem entrar em atritos com ninguém, sem criticar abertamente ninguém, sem posicionar-se explicitamente contra ninguém, o Autor consegue desmascarar o esoterismo de um culto dogmático, polêmico, presunçoso e arbitrário. Quem saiba e queira “ler” concluirá, sem dificuldade, que um modelo seis vezes formulado e reformulado ao longo desses últimos 23 anos, e sempre em constante reformulação até dos seus princípios mais essenciais, não pode ser um modelo lingüístico aproveitável.

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Lingüística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, História e Psicologia — Campus de Assis, UNESP.

Quando esse leitor perceba que as únicas contribuições que podem ser honestamente alegadas em favor do transformacionismo são totalmente alheias aos princípios teóricos que fundamentam a revolução chomskyana, não hesitará em perguntar-se se não estará já na hora de acordar desse sonho e alienação gerativista, desse cômodo apriorismo inatista.

Não se pode não louvar a habilidade com que o professor Carly Silva vai criticando modelo após modelo utilizando-se para isso de palavras textuais dos próprios seguidores do gerativismo. Que transformacionista convicto poderá continuar encastelado na sua autossuficiência (inata?) quando descubra que são de famosos correligionários afirmações tão contundentes como estas:

“sem sombra de dúvida, não existe teoria lingüística de espécie alguma”... “o que tem sido chamado de teoria da gramática transformacional parece ter uma relação muito tênue com a realidade lingüística” (Postal)... (p. 51) “não havendo, por outro lado, uma única regra da sintaxe chomskyana que se possa honestamente considerar como comprovada”. (Lakoff). (p. 21)

O leitor que não estiver cego concluirá da leitura deste notável estudo que não é mais possível seguirmos como borregos a iniciativa arbitrária de quem, não sabemos por quê exatamente, conseguiu arvorar-se senhor e dono da lingüística, de uma lingüística, porém, que não é a das línguas naturais e reais, mas de uma suposta (e não demonstrada) linguagem inata e matematicamente estruturada, como são “inatas” (isto é, previamente estruturadas) e matemáticas as estruturas e dispositivos com que opera um cérebro eletrônico. Chomsky e seguidores, com efeito, tratam o “falante ideal” como se fosse um robô, um computador eletrônico:

“As regras da gramática operam de maneira mecânica; podemos concebê-las como instruções que poderiam ser dadas a um robô, incapaz de formular qualquer juízo ou usar qualquer forma de imaginação em sua aplicação”. (Chomsky citado pelo Autor, p. 4)

Esta lingüística “biônica” não pode continuar estendendo seu imperialismo no nosso ambiente, máxime quando sua influência já não é tão marcante nem nos Estados Unidos onde nasceu, nem na Europa que benevolmente a acolheu. Num país necessitado, como o nosso, de gramáticas e textos essencialmente pedagógicos, não tem sentido que se continuem a publicar aplicações da Teoria Padrão, ou pior ainda da Teoria Clássica! Nossos alunos universitários não sabem às vezes escrever corretamente na sua própria língua: será justo que nós dediquemos os nossos esforços a fazer exatamente aquilo que Robin Lakoff censura aludindo a obras que pretendem aplicar o gerativismo ao ensino?

“simplesmente ensinam outra língua ao mesmo tempo que ensinam aquela que o aluno está procurando aprender. Ambas são mal ensinadas: a gramática transformacional, porque é ultra-simplificada e mal entendida; a língua natural, porque se perde no emaranhado das formalizações”. (p. 32)

Nem a teoria em si mesma, nem em seus princípios, nem em suas aplicações tem como fugir da certa análise que o Professor Silva nos oferece nesta visão global do transformacionismo.

“Sem extremismos nem exageros, com a medida e ponderação de um autêntico homem de ciência, mostra ao leigo e também ao especialista (por que não?) o estado em que se encontra hoje aquela

que pretende orgulhosamente, mas sem fundamento, ser o modelo por excelência no estudo da linguagem humana.

Esse estado é o da instabilidade e incerteza. A essa conclusão chegamos acompanhando o Autor espontaneamente e sem forçar os dados:

“Tendo em vista que os diferentes modelos transformacionais até hoje conhecidos são bastante incompletos e não possuem, sequer, um mínimo de estabilidade e certeza, impõe-se a conclusão de que não é

possível, no momento, uma descrição razoavelmente ampla e segura de qualquer língua natural em bases transformacionais”. (p. 273)

Oxalá, que este precioso livro chegue ao endereço certo e produza os salutares efeitos a que está chamado em virtude do tratamento dado a um conteúdo dogmaticamente explorado por muitos e olímpicamente ignorado por alguns poucos. Este livro, repetimos, vem oportunamente preencher uma lacuna no nosso meio universitário, a da crítica objetiva e séria no campo da lingüística.